AS FACES DO "FACE": AUTOEXPOSIÇÃO ADOLESCENTE[1]

Daine de Almeida Costa[2]
Betânia Diniz Gonçalves[3]

RESUMO: O presente estudo é o resultado de pesquisa de conclusão de curso que buscou compreender se o adolescente tem clareza dos limites e cuidados com a autoexposição no Facebook, uma vez que vivemos hoje em um mundo globalizado, no qual o acesso às redes está ao alcance da maioria das pessoas. Assim, muitas vezes, estar ou não conectado resume-se a inclusão e a exclusão. Uma das redes sociais mais acessadas do mundo, o Facebook, tem se tornado uma grande vitrine virtual, onde se expõe fotos, vídeo, particularidades para um grande número de "amigos", muitos deles desconhecidos. As novas tecnologias, apesar de proporcionarem ao adolescente uma perspectiva mais abrangente do mundo à sua volta, podem trazer riscos e consequências, como fazê-los serem alvos de bullying e cyberbullying, dentre outros. Esta é uma pesquisa qualitativa, e para a coleta de dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com adolescentes entre 13 e 17 anos, mediante assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido pelos adolescentes e pais. Os dados analisados indicaram os motivos da autoexposição que se manifesta de forma diferente no que diz respeito às meninas e aos meninos, mas ambos, em sua singularidade, expõem suas "faces" na vitrine virtual do modo como querem ser vistos. Todavia, temos que tomar cuidado para não vermos somente as "faces", mas enxergar esses sujeitos em suas vicissitudes.
PALAVRAS-CHAVE: Adolescentes; Facebook; Autoexposição; Psicologia.

ABSTRACT: This study is the result of an end of course research which attempted to comprehend if teenagers are fully aware of the limits and the precautions regarding self-exposure on Facebook, since we live today in a globalized world, in which virtual social networks are accessible to most people. Therefore, oftentimes, being connected or not comes down to inclusion and exclusion. Facebook is one of the most accessed social networks in the whole world, being used by many to make new friends, keep in touch with and bring closer people who are far away. However, this "place" is being used to unburden, exposing pictures and thoughts, making this network a huge virtual showcase, available to a huge amount of "friends", many of which are unknown. Although new technologies can provide to teenagers a broader perspective regarding the world around them, they can also bring hazards and consequences, like making them become targets for bullying and cyberbullying, amongst other things. This is a qualitative research and for collecting data semi-structured interviews were made with teenagers between 13 and 17 years old, by signing a free consent term informed to the teenagers and their parents. The analysed data indicate the reasons for self-exposing, which shows itself differently when it comes to boys and girls, but both, in their own singularity, expose their "faces" in the virtual showcase the way they want to be seen. However, we need to be careful not to see only "faces", but also see the subjects and their changes.
KEYWORDS: Teenagers; Facebook; Self-exposition; Psychology.

1 INTRODUÇÃO

A verificação de crescente exposição de fotos com comentários e a falta de cuidado com informações postadas por adolescentes no *facebook*, no qual o acesso é liberado sem restrições, instigou-nos a pesquisar sobre os motivos que os levam à autoexposição nessa rede social. Atualmente, observa-se que muitas pessoas têm ou conhecem essa rede social, que desde 2004 vem se expandindo para o mundo inteiro, tornando-se uma das maiores já produzidas na internet (SBARAI**,** 2014).

[1] Este artigo foi construído a partir da monografia de conclusão de curso apresentada no 2º semestre de 2015, orientada pela professora Betânia Diniz Gonçalves.
[2] Psicóloga, graduada pela PUC Minas São Gabriel. daday.almeida@hotmail.com
[3] Doutora em Psicologia pela PUC São Paulo, professora da Faculdade de Psicologia da PUC Minas - Unidade São Gabriel e COREU.

Submetido em: 10/08/2016
Aceito em: 03/12/2016

Criado por quatro jovens da Universidade de Harvard, incluindo o brasileiro Eduardo Saverin, o *facebook, a priori*, tinha a finalidade de classificar as garotas da Universidade de acordo com sua beleza (SBARAI**,** 2014). Inicialmente com o nome *The facebook*, era uma rede social somente para os alunos, e logo se expandiu para outras instituições renomadas, não demorando muito para se difundir em todo planeta (MORESCO; FERNANDES, 2013). O Brasil é a segunda maior nação do mundo em acessos, perdendo apenas para os Estados Unidos (SBARAI**,** 2014). Além da rede de amigos, o *facebook* é utilizado para manter contato e aproximar pessoas distantes. Também possui várias ferramentas, como compartilhar e curtir informações, fotos, vídeos etc. Tem sido usado também como um espaço para colocar suas ideias, problematizar, denunciar, enfim, um leque de possibilidades.

Sem limites e sem restrições que proíbam o acesso, muitos estão aderindo a essa rede para se manifestar, dar opiniões, fazer suas críticas e debates. Para abrir uma conta no *facebook* é fácil e rápido, não tem restrições de raça, gênero, religião, classes sociais. Apesar de permitido somente para maiores de 18 anos, muitos burlam as regras para acessar a rede e ter à sua disposição uma imensidão de ferramentas que, muitas vezes, não sabem como utilizar.

Uma pesquisa aponta que, diariamente, são postados 4,75 Bilhões de mídias (*links*, comentários, vídeos, fotos e atualizações de status) no *facebook.* Cresce a cada dia o número de pessoas conectadas nesses espaços, as quais dedicam maior parte do tempo na busca por amizades, relações amorosas, dentre outras finalidades (SBARAI**,** 2014). Ao observar essa rede social, podemos notar que antes conteúdos que eram reservados para compartilhar com algumas pessoas, agora estão expostos nas redes de forma pública. Além disso, várias pessoas não têm cuidados e limites em expor dados e fotos pessoais nesse tipo de rede, utilizando desse meio como mecanismo para a autoexposição, onde dividem com pessoas desconhecidas, seus sentimentos e emoções. Essa rede social chama a atenção pelo fluxo intenso, especialmente para o público adolescente, que encontra nestes espaços um ambiente ideal para as suas representações (MORESCO; FERNANDES 2013). Fazem do *facebook* o palco principal para o "... grande teatro do mundo..." (CHAUÍ 1988 citado por MORESCO; FERNANDES, 2013, p. 2), e assim, cada um consegue demonstrar quem é ou quem simula ser. Ou seja, ser desejável e invejável. Segundo Calligaris (2005), para que o adolescente chegue à felicidade e ao reconhecimento pela comunidade é imprescindível ter essas duas qualidades. Porém, deixa de lado o bom senso e se desvia da noção de público e privado (BERNAR; PEREIRA, 2011).

Com a internet acessível à maioria das pessoas, através de um simples celular você conecta a rede onde quer que esteja, no ônibus, na rua, na escola. Sem nenhuma forma de controle sobre o que postam na rede social f*acebook*, esses adolescentes estão diante de uma fer-

ramenta, da qual utilizam para buscar: respostas às suas fantasias, reconhecimento e autoafirmação. Tramitando entre o público e privado sem restrições, expondo imagem, vídeo e suas particularidades a milhares de integrantes dessa rede. Assumindo um comportamento de risco, permitindo que outras pessoas desconhecidas tenham acesso a todos esses dados, que podem ser usando para outros fins (MORESCO; FERNANDES, 2013). Alguns criam perfis falsos com o intuito de chamar a atenção e tentar alcançar maior status social ou expressar sentimentos que não conseguem fazer pessoalmente.

> A sensação de anonimato parece minimizar os prejuízos sociais da expressão de sentimentos e impressões mais violentas que, sendo expressos nas relações face a face, poderiam ter um custo social e afetivo substancialmente maior. (RIBEIRO; MIRANDA; NEJM, 2012, p. 8).

Não podemos nos esquecer de que estamos vivenciando uma era cada vez mais digital, na qual "a globalização e o avanço das tecnologias digitais, associados ao desejo inerente ao ser humano de obter reconhecimento, transformam o ciberespaço e as redes sociais no cenário perfeito para as representações dos então atores sociais" (MORESCO; FERNANDES, 2013 p. 3). Dessa forma, fazem com que extrapolem os limites entre o público e o privado, e se relacionem de modo simultâneo e superficial esperando a "repercussão virtual" de sua imagem (EISENTEIN, 2013).

Diante disso, percebe-se que a autoexposição se referencia a uma busca de reconhecimento, no qual se pede a aprovação do outro, assim esses autores sociais não poupam esforços para chamar a atenção de sua plateia virtual (MORESCO; FERNANDES, 2013). Além desses apontamentos discorridos, Moraes (2014) traz outro elemento que também pode estar associado a esse tema.

> A ausência do diálogo representa uma barreira a mais para que determinadas atitudes sejam incorporadas pelos jovens, vivemos num mundo cada vez mais competitivo e na maioria das vezes a vida profissional dos cônjuges não permitem que eles tenham tempo suficiente para dialogar sobre a utilização mais adequada das redes por parte dos seus filhos. (MORAES, 2014, p. 19).

O sociólogo Bauman citado por Castro e Guareschi (2007), explica que estamos experimentando um mundo em rede e de relacionamentos virtuais, onde tudo é mais fluído, líquido. Ele relata ainda que nossas relações funcionam mais na ordem da impermanência, ou seja, uma forma de relacionar na qual podemos nos conectar e desconectar a todo instante. Contudo, Moresco e Fernandes (2013) explicam que:

> A exposição excessiva dos adolescentes como "nativos digitais" e "atores sociais" está sujeita a fatores internos, como o processo de autoafirmação de identidade natural da adolescência, em que eles, através de representações identitárias, buscam reconhecimento diante de seus amigos virtuais; delimitando espaços nas redes sociais, buscando um "lugar para chamar de seu" mesmo que ele seja virtual. (MORESCO; FERNANDES, 2013, p. 7).

Esses recursos tecnológicos podem fornecer ao adolescente a possibilidade de interagir, estabelecendo contato com pessoas do mundo inteiro, além de trazer maior liberdade e grande facilidade de expressão. Para tanto, Lima (2009) pontua que hoje para que se seja inserido no grupo de "adolescentes", é necessário estar "conectado". É importante ressaltar, que as tecnologias são imprescindíveis em vários aspectos da vida humana, nas trocas de conhecimentos, de informação, além de ser fundamental no âmbito do trabalho, da economia e até mesmo em algumas intervenções médicas. No que se refere à adolescência, nota-se um maior domínio destes aparatos tecnológicos, devido também à preparação para o mercado de trabalho, pois, se "querem se preparar de um modo adequado para o emprego de manhã, a tecnologia precisa se tornar uma parte integrante de sua vida" (SHARP apud SANTROCK, 2001, p. 195).

Levando-se em consideração esses aspectos, a jornalista e escritora Eliane Brum (2011) relata que essa geração ao mesmo tempo em que está preparada com os avanços tecnológicos, em outros quesitos é uma das mais despreparadas:

> Preparada do ponto de vista das habilidades, despreparada porque não sabe lidar com frustrações. Preparada porque é capaz de usar ferramentas da tecnologia, despreparada porque despreza o esforço. Preparada porque conhece o mundo em viagens protegidas, despreparada porque desconhece a fragilidade da matéria da vida. E por tudo isso sofre, sofre muito, porque foi ensinada a acreditar que nasceu com o patrimônio da felicidade. E não foi ensinada a criar a partir da dor. (BRUM, 2011. np.).

Nesse sentindo investigamos sobre o uso que os adolescentes fazem dessa rede social, uma vez que nessa fase, com a construção da identidade, conflitos e características típicas como a rebeldia, a moratória e a instabilidade estão presentes. Para tanto, Barros e Ferreira Neto (2010, p. 2), destacam que, "negligenciar as mudanças promovidas na ordem subjetiva pela combinação humana e técnica seria ignorar transformações cruciais em nossa história".

Assim, com a facilidade dos artefatos tecnológicos, os adolescentes são impactados por muito mais elementos, além dos livros escolares, dos trabalhos escritos, tem à sua disposição uma forma de pesquisar suas dúvidas e curiosidades a partir desses meios de comunicação, o que pode trazer consequências posteriores como pontua Basmage (2010);

> A relação com o computador propicia essas respostas de modo instantâneo, fortalecendo cada vez mais a interação e causando muitas vezes uma certa dependência, o que pode vir a afetar as suas relações com os demais, especialmente no âmbito familiar e escolar. (BASMAGE, 2010, p. 33).

Em meio a essa era tecnológica, "não podemos ignorar a participação da mídia nessa construção da concepção de adolescência nos próprios jovens imersos nesse caldo de informações transmitidos pela mídia", pois, mesmo sendo "intencionalmente ou não, as informações veiculadas afetam em algum grau a visão de mundo, e de si mesmo, que o jovem constrói" (OZELLA, 2002, p. 23). Dessa forma, devemos compreender a adolescência dentro do seu contexto social, inseridos numa sociedade moldada pela tecnologia.

> O mundo contemporâneo, por meio da interação dos indivíduos com os diversos tipos de artefatos tecnológicos, tem protagonizado alterações fundamentais nos hábitos e costumes de toda uma geração. Essa nova composição humana e técnica se fazem presente no cotidiano de inúmeras pessoas que passam boa parte de seu dia na frente das telas de seus computadores, o que promove uma inegável mobilização subjetiva. (BARROS; FERREIRA NETO, 2010, p. 31).

Podemos, pois, salientar que é de grande relevância para a psicologia, compreender essas novas concepções de estilo de vida permeadas pelos aparatos tecnológicos e suas implicações no desenvolvimento psicossocial do adolescente, já que o sujeito é resultado dos modos de relação e só desse modo pode ser compreendido (BASMAGE, 2010).

Diante disso, o objetivo geral do presente estudo foi analisar se o adolescente tem clareza dos limites e cuidados com autoexposição no *facebook, v*isando compreender o que pensam sobre essa rede, os motivos que os levam a autoexposição e como funciona a relação de amizade virtual.

2 METODOLOGIA

Essa é uma pesquisa qualitativa que se propôs a um contato diretamente com adolescentes que acessam a rede social *facebook*, tendo como principal interesse à autoexposição. A pesquisa qualitativa de acordo com Minayo (1994), "trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos á operacionalização de variáveis" (MINAYO, 1994. p. 21-22).

A princípio foi realizada uma pesquisa bibliográfica para compreender o tema proposto. Em sequência foi realizada uma pesquisa de campo por meio de entrevista semiestruturada

com seis adolescentes entre 13 e 17 anos que utilizam essa rede social. Quatro deles passam a maior parte do tempo utilizando o *Facebook* e dois dos entrevistados acessam esporadicamente. Primeiramente, escolhemos quatro adolescentes através da "rede de amigos" de uma das pesquisadoras que se destacavam pelo número de curtidas em suas postagens e comentários. Um dos escolhidos na época possuía em torno de 5.000 amigos virtuais e, muitas vezes, postava fotos sensuais que eram curtidas por adultos. Posteriormente, foram escolhidos e entrevistados mais *dois adolescentes* que não utilizam com frequência o *facebook.* A escolha dos sujeitos da pesquisa foi aleatória, considerando a facilidade de contato com os mesmos.

Inicialmente, foi feito um breve convite por meio do "bate papo" (ferramenta utilizada no *facebook*). Para dar continuidade à pesquisa, foram adotados os princípios éticos necessários por serem adolescentes os sujeitos da pesquisa. Seus responsáveis assinaram o termo de consentimento para a realização dessas entrevistas e suas identidades foram ocultadas, substituindo seus nomes por nomes fictícios. As entrevistas foram realizadas no local sugeridos pelos adolescentes e seus responsáveis.

O roteiro de entrevista semiestruturada foi construído a partir dos objetivos da pesquisa, no intuito de compreender sobre a temática proposta, possibilitando através dos discursos dos entrevistados as categorizações de tópicos emergentes. A entrevista semiestruturada abre espaço para que outros pontos não previstos durante a entrevista sejam explorados, pois a mesma possibilita que o entrevistado discorra além do que foi perguntado (MINAYO, 2008, p. 191).

A primeira entrevista foi realizada com o adolescente *José de 15 anos* que fez sua conta no *facebook* aos 11 anos de idade sem permissão dos pais. Segundo o mesmo, o motivo que o levou a ter a conta foi porque "*todo mundo tava tendo*". Possui cerca de 1.800 amigos no seu perfil e a seleção dessa amizade foi através da visualização, *"se me agradar eu aceito".*

A segunda entrevistada foi com *Maria de 14 anos* que possui cerca de 5000 amigos no seu perfil, não tendo nenhuma restrição em aceita-los. Inclusive tem amigos de vários países, utilizando o tradutor para conversar com eles, e afirma: "*maior parte do meu tempo eu passo na internet".* Porém, diz que acessa o *facebook* sem nenhuma finalidade e explica: "*porque não tenho nada pra fazer (risos)".*

Júnior de 17 anos foi o terceiro entrevistado e possui cerca de 5.000 amigos no seu perfil do *facebook* e costuma publicar mais frases engraçadas, algumas fotos pessoais, assunto sobre o time favorito e pontua que: *"às vezes costumo postar coisas da minha vida, tipo o que estou fazendo".*

A quarta adolescente entrevistada foi *Júlia de 15 anos*. Possui cerca de 3.000 amigos no seu perfil e relata que costuma postar com frequência fotos pessoais, frases sentimentais e amorosas. Julia relata que não sabe quando iniciou a navegação na internet, mas acha que foi bem cedo. Segundo ela a maior parte do seu tempo está conectada, seja na escola, em casa, "*até no banheiro eu fico mexendo no celular*...". Julia diz que não precisou da intervenção da mãe para abrir a conta e afirma *"ah minha mãe nem liga pra essas coisas, por isso nem falo com ela".*

A partir de uma conversa espontânea com *Francisco de 16 anos*, o quinto entrevistado, na qual relata que possui a conta no *facebook*, mas que não acessa com frequência, instigou-nos saber os motivos pelos quais não foi fisgado pela era digital. Para a entrevista foi utilizado o mesmo roteiro das anteriores. No que se refere a seu interesse pelo *facebook*, diz que acessa para bater papo e a maioria dos seus 180 amigos ele conhece.

Com vista a ampliar as informações sobre os adolescentes que não ficam conectados com frequência, decidimos entrevistar outra adolescente (sexta entrevistada) que também não têm muitas postagens, *Joana de 13 anos*. Ao ser questionada sobre a idade para ter uma conta no *facebook*, relata que a mãe autorizou, mas que a mesma também possui a senha. Segundo Joana, a mãe conversa com ela sobre ficar postando fotos, então posta poucas, *"somente alguma para meus familiares ter acesso".*

3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Após a pesquisa teórica e a realização das entrevistas com os dados coletados, buscamos correlacionar, tecnologia, adolescência, *facebook*, autoexposição e psicologia. Assim, foi possível pensar em *três categorias de análise:* motivação para a autoexposição sendo a sedução para as meninas e o poder para os meninos; as concepções dos riscos e consequências da autoexposição para os adolescentes; e as relações virtuais construídas nas redes: amizades ou plateias?

3.1 Motivação para a auto exposição: sedução para as meninas, poder para os meninos.

A globalização com os avanços tecnológicos contribuiu para que nossa sociedade "mudasse" ou/e adquirisse novos costumes. O que se percebe hoje é que as mídias e as redes sociais assumiram um papel de modelos de comportamentos, e por possuir um grande poder, as pessoas são facilmente influenciadas a compartilhar ideias, gostos e decisões. Então, além

de proporcionar vários recursos e colaborar com rapidez e agilidade em vários setores tecnológicos, a globalização abre as portas para novos produtos, novas tecnologias, novos paradigmas, novos hábitos, dentre outros. Diante disso, as nossas sociedades com melhores condições de acessos ao capitalismo e ao consumismo, buscam sempre o "melhor": a melhor roupa, o melhor sapato, enfim, ser o melhor.

Nesse sentido, o que se observa é que as mídias e as redes sociais sempre transmitem um modelo de pessoa ideal e um padrão de beleza que é dito como o melhor. E, consequentemente, somos convocados a sermos os melhores; e a beleza é requisito fundamental. Assim, esse processo de civilização impõe alcançar níveis e padrões cada vez mais altos de pureza (BATISTA, 2006). E desde 1930, Freud já dizia que "a beleza é tudo o que dá o sublime prazer da harmonia e perfeição da forma... é essa coisa não lucrativa que esperamos que a sociedade valorize" (FREUD, apud BATISTA, 2006). E nessa utopia, estamos o tempo todo buscando a satisfação e o prazer para que possamos de certa forma ser incluídos no convívio social, pois é a própria sociedade que nos convoca a sermos os melhores.

Expor a beleza nas redes sociais através das postagens de fotos e vídeos está sendo um ato comum entre as pessoas. O famoso *selfie* tomou conta do público nas redes, principalmente, entre os adolescentes que querem mostrar seus rostos perfeitos através desse tipo de autoretrato. Porém, percebe-se que alguns adolescentes vão além, querem mostrar sua beleza e sensualidade para todo o público do *facebook.*

Diante disso, o que se percebe é que as redes sociais têm se tornado uma grande vitrine virtual, onde se expõe, livremente, a vida íntima, pessoal, desejos, angústias, enfim, em tudo no que se está pensando no momento, como o próprio perfil do *facebook* destaca: "*no que você está pensando?*". Essa estratégia propicia fazer de sua página um verdadeiro espetáculo, fotos, vídeos e milhares de curtidas das "plateias virtuais" (MORESCO E FERNANDES, 2013, p.5).

É visível entre os entrevistados que a beleza faz toda a diferença quando se trata de postar uma foto: "*ah... só vontade mesmo, quando eu tiro uma foto bonita eu posto.*" *(Maria).* O que chama a atenção nesta fala, é que na página do *facebook* dessa entrevistada, as postagens de fotos sensuais são frequentes, só na foto do perfil há quase mil curtidas.

> O espetáculo é o modelo ideal de vida que impera na nossa sociedade, alimentado pelas aparências, pelas imagens, pela produção de bens e serviços. Na sociedade do espetáculo, a imagem é fundamental, é o corpo o seu bem mais precioso. Ele ocupa o universo imaginário tanto no sexo feminino quanto do masculino, enquanto objeto de desejo. É a imagem do corpo esculpido, excessivamente belo e erótico que se apresenta portando uma ilusão de uma vida plena e feliz. (VALENÇA, 2003, p.18)

Diante disso, podemos afirmar que o perfil do *facebook* é uma forma de apresentação desses adolescentes para o mundo, eles a utilizam como uma vitrine na qual fica estampado a procura de uma aprovação do outro, através das curtidas e compartilhamentos. Então quanto mais curtidas, melhor! Rassial (1999) explica que:

> [...] o adolescente está engajado na relação com o outro sob um modo paradoxal: por um lado, busca de referências, não mais do lado das figuras parentais, mas numa extensão da fratria oposta ao mundo dito dos adultos: como o atesta a moda que, pela roupa, maneira de falar, etc, vem significar uma geração. Por outro lado, ele tenta afirmar sua originalidade, no sentido forte do termo: almejar-se na origem de si mesmo. Posição difícil, em que seu corpo, com o olhar do Outro, é ao mesmo tempo perseguidor e lugar de projeção. (RASSIAL, 1999, p. 131).

No entanto, o período da adolescência tem que ser compreendido em suas vicissitudes, pois ela é marcada por tormentos e conturbações vinculadas à emergência da sexualidade. Portanto, podemos dizer que as postagens podem estar endereçadas ao outro, como explica Lima (2009):

> [...] um outro capaz de acompanhar e atestar suas transformações subjetivas, capaz de acolher as mais íntimas confissões e desejos, respeitando-os e guardando-os para si, um outro especular, matriz da projeção dos ideais narcísicos de seu autor. Mas toda escrita é também endereçada a um outro, campo simbólico, cultural. (LIMA, 2009, p. 33).

O que se percebe também em relação a esta análise, é que essas vitrines são mostradas de forma diferente pelos meninos e pelas meninas. As meninas estampam fotos, mostram toda sua sensualidade. Já os meninos, tentam se mostrar como poderosos, através das escritas, falando sobre seus valores, sua vida, para onde vão. Ou seja, cada gênero constrói uma forma de se apresentar à sua plateia, atraindo a atenção dos olhares alheios. Isso nos remete a pensar sobre a imagem como porta de entrada para o convite nas redes sociais.

Podemos perceber isso, claramente nas falas dos entrevistados quando perguntados sobre como reagem diante de solicitação de amizade. "*Normal, eu olho o perfil primeiro depois eu aceito (risos)" (Junior).* Essa questão pode ser dialogada com as reais condições que os entrevistados apresentam para aceitar ou não um convite de amizade. Para *Maria*, o que interfere para não fazer parte dessa comunidade de amigos é só "s*e a pessoa não for muito estranha (risos).* No entanto, não se faz necessário conhecer a pessoa para que a mesma possa fazer parte da sua rede de amigos, basta terem uma boa apresentação visual exposta na vitrine para que seja aprovado pelo o outro. O que é bem nítido nesse relato: "a*h, eu vejo tipo... se a*

pessoa for bonita assim eu aceito" (José). Como afirma Valença, "na sociedade do espetáculo, a imagem é fundamental, e o corpo seu bem mais precioso" (VALENÇA, 2003, p. 18).

Diante disso, Jean Jaques Rassial (1999) explica que:

> [...] a imagem do corpo está comprometida com dois olhares: a busca de uma conformidade a um modelo socialmente definido, este modelo cujas pistas ela pode encontrar nas revistas femininas, nas figuras valorizadas desta ou daquela vedete feminina; por outro lado, com a demanda de uma confirmação pelos outros, tanto de sua família como por seus amigos, de que o estatuto de seu corpo mudou. (RASSIAL, 1999, p. 25).

Os rapazes também gostam de mostrar suas imagens na rede, mas na maioria das vezes se destacam na rede pelas suas capacidades do poder de sedução. Então, os meninos descrevem mais do que mostram, falando aonde vão ou estão, postam coisas engraçadas para atrair a atenção dos olhares femininos. Diante disso, buscam a autoafirmação, como uma forma de poder, "imprimindo a falsa ideia de maturidade social, na qual postam conteúdos sobre consumo de bebidas, envolvimentos afetivos e preferências esportivas" (MORESCO; FERNANDES, 2013, p. 5).

Diante do que foi explicitado, pode-se perceber que a autoexposição é baseada no contexto contemporâneo, no qual o "espetáculo é o modelo de vida que impera nossa sociedade, alimentado pelas aparências, pelas imagens, pela produção de bens e serviços" (VALENÇA, 2003, p. 18). Ou seja, somos contaminados com o que a sociedade nos impõe, o que instiga-nos de fato a fazer nossas escolhas, até mesmo em relação a abertura da conta nessa rede social, como ocorreu no caso da maioria dos entrevistados. *"Ah todo mundo tava tendo, ai resolvi fazer também" (José)*.

E assim, são imersos nesse caldo de informação que as tecnologias os proporcionam, na qual se sentem incluídos num contexto social. Portanto, temos que nos atentar sobre a vulnerabilidade desses adolescentes dentro desse cenário virtual, expostos a riscos com o excesso de exposição, podendo ser vitimas de crimes, pois "há sempre por trás de cada ação, pensamento ou sentimentos, a base afetivo-volitiva que impulsiona o sujeito a se manifestar desta forma ou de outra forma" (OZELLA, 2003, p. 280). Atentar para essas questões, possibilita prevenir problemas de exploração sexual, pornografia e pedofilia *online* e outras tantas ameaças à saúde desta geração digital, além de servir de alerta para a atualização dos profissionais de saúde, nos consultórios e ambulatórios (EISENSTEIN, 2004, p. 62)

3.2 As relações virtuais construídas nas redes sociais: amizades ou plateia?

Atualmente o que se percebe, com o advento da *internet* e a criação das redes sociais é que as formas de comunicação e relações estão se modificando. O *facebook* é exemplo de uma rede social na qual os relacionamentos virtuais são mediados por um aparato tecnológico interligado à *internet*. Nessa rede encontramos, sugestões de amizades e sala de bate papo, que possibilita comunicar com rapidez e facilidade aonde quer que esteja. Essas ferramentas trouxeram maior liberdade e grande facilidade de expressão, ampliando as possibilidades de se estabelecer contato com pessoas do mundo inteiro. Portanto, "para estar inserido no grupo de "adolescentes" hoje, é necessário estar "conectado" e a não participação da mesma equivale à exclusão social" (LIMA, 2009, p. 212).

De acordo com os sujeitos dessa pesquisa, a *internet* tem como finalidade, proporcionar uma forma de passar o tempo ocioso navegando no *Facebook*, onde podem conhecer outras pessoas, conversarem entre elas e conhecer outras culturas. E quando perguntadas as vantagens e as desvantagens de ter uma conta nessa rede, destacam os seguintes enunciados: "a*h...nó(risos)...conversar com as pessoas"(José), "ah... as vantagens é que você pode conversar com gente de outro estado, de outro país" (Maria).*

Como é sabido, o objetivo das redes sociais é permitir que as pessoas possam se relacionar, compartilhar, informar e se comunicar. Para ter uma conta na rede *facebook,* basta que a pessoa faça seu cadastro, o mesmo é gratuito, fornecendo seus dados pessoais que serão disponibilizados conforme consentimento do usuário para que outras pessoas possam encontrá-lo. A partir daí começa a procura de amigos e de pessoas que você possa conhecer. Outro modo de encontrar amigos, conforme *Maria* relata na entrevista, é a possibilidade de os amigos indicarem amigos, ou seja, você pode sugerir amigos para seus amigos da rede.

Uma marca comum nessa fase é a necessidade de fazer parte de um grupo. Sendo assim, as amizades são importantes, concedendo ao adolescente a sensação de ser incluído em grupo que possa ter interesses em comuns. Diante disso, Lima (2009, p. 211) elucida que "a passagem da infância para a puberdade envolve a entrada no universo social mais amplo. As amizades são extremamente importantes nessa etapa da vida, quando os amigos passam a substituir as referências parentais". Podemos perceber que a visibilidade no grupo no caso do *facebook* é de grande importância para os adolescentes, pois está relacionada à sua popularidade, e quanto mais amigos melhor. Isso explica a grande quantidade de amigos que possuem nas suas páginas na rede; um dos sujeitos dessa pesquisa tem cerca de 5.000 amigos.

Se pensarmos na vida real, a amizade é vínculo construído com o passar do tempo, com a troca e compartilhamento de ideias, cumplicidades que envolvem sentimentos em uma relação de afeto. Já no *facebook*, basta um click para que você comece uma amizade com pessoas de qualquer lugar do mundo, de qualquer classe social, de vários estilos, personalidade, de qualquer idade, simples assim. Entretanto, como foi observado nas entrevistas, não é qualquer pessoa aceita como amiga, têm requisitos para fazer parte da rede de amizade como destaca *José*, "*ah eu vejo tipo... se a pessoa for bonita assim eu aceito".* Assim, não precisa ser um ideal de beleza para se encaixar nesse requisito, basta ter uma boa apresentação na sua imagem de perfil para que possa receber convites ou ser aceita pelos demais na página de amigos no *facebook*. Para *Maria*, por exemplo, o que impede de não ser aceito em seu perfil é somente... "*se a pessoa for muito estranha... (risos).* Em relação à quantidade imensa de amigos *(Julia)* responde; "a*h...mais pessoas pra você conversar e conhecer".* Sabemos que as amizades são extremamente importantes nessa etapa da vida, porém, no que diz respeito às amizades virtuais, só se interessando pelo "indivíduo, para contabilizar seus sucessos" (ROUDINESCO, 2000, p. 40). Ou seja, quanto mais amigos tiver nessa rede social, maior será a plateia. Favorecendo assim, como destaca Paula Sibilia (2008): "o show do eu: a intimidade como espetáculo.

3.3 Autoexposição: a concepção dos riscos e consequências para os adolescentes

Os próprios conflitos da adolescência e a confusão psíquica fazem com que se reportem a algum tipo de referência, seja ela em grupo, com as amizades, com os próprios pais. Além do mais, a própria adolescência é regada pelas ansiedades, pela pressa de ter o que deseja com rapidez. Isso assinala que a *internet* é uma arma perfeita para minimizar essas pressões, inclusive o próprio *facebook* dispõe de um espaço para que seus usuários descrevam o que estão pensando naquele momento. Daí muitos utilizam desses espaços para desabafar, para levantar autoestima através das fotos, enfim, há inúmeras possibilidades nesses espaços.

No entanto, percebe-se a falta de compreensão do termo autoexposição dentro do contexto virtual pelos adolescentes. Ao perguntar para os entrevistados sobre esse assunto, a maioria demonstra não saber sobre a que se refere e pede para repetir a pergunta: *"O que? Como assim? Você pode repetir a pergunta? "ah... não entendi!"* "*autoexposição?"* No entanto, diante dos possíveis malefícios advindos de ter uma conta no *facebook*, afirmam que: "a*s desvantagens é que todo mundo fica sabendo da sua vida. Todo mundo sabe da sua vida" (José)*. Desse modo, vale lembrar a citação de Eliana Brum (2011) que retrata bem essa dicotomia

vivenciada por esses adolescentes, que apesar de ser considerada uma geração mais preparada para o manuseio das tecnologias, ao mesmo tempo é uma geração despreparada, pois desconhece a fragilidade da matéria da vida, o que remete também a fragilidade da noção entre o público e o privado, riscos a que podem se submeter com a autoexposição. Os próprios adolescentes entrevistados relatam casos ocorridos provenientes dessa exposição de colegas ou conhecidos na escola, como ressaltamos: *"Fizeram um fake do meu amigo, pegaram foto dele e abriram uma conta como se fosse ele e mandaram um tanto de coisa para outras pessoas" (Francisco). "Divulgaram uma foto da minha amiga, foi motivo de zueira, maior zuação" (Maria).*

Diante disso, nota-se que esses adolescentes não têm noção das consequências dessas atitudes, que, muitas das vezes, estão realizando *bullying* e *cyberbullying*, promovendo atos de violências que podem ser caracterizados como crime. E mesmo diante de uma imensidão de amigos, não aparentam ter consciência dos riscos de se exporem nas redes.

Para tanto, alguns adolescentes utilizam dessa rede para postarem conteúdos atrativos. Meninas costumam postar fotos sensuais, e parecem não perceber que estão correndo o risco de essas fotos serem utilizadas para outros fins, como pornografia infantil. Já outros, aproveitam esse espaço do bate papo para atrair pessoas e instigar o envio de fotos, marcar encontros, dentre outros. Eisenstein (2013) ratifica tal percepção em torno dos entrevistados:

> No isolamento e no anonimato de seu computador em seu quarto ou numa *lan house*, o adolescente inicia seu conhecimento sexual e seus relacionamentos com informações obtidas livremente de outras pessoas de todos os tipos e idade, porém cuja identidade é desconhecida. (EISENSTEIN, 2013, p. 64).

Outro ponto a destacar, após o relato de um dos entrevistados sobre as desvantagens de se ter uma conta no *facebook* é que esses adolescentes estão cada vez mais se distanciando das conversas *tête-à-tête*: *"as desvantagens é que não conversamos mais pessoalmente com as pessoas, tudo agora é no bate papo, isso distancia as pessoas" (Francisco)*. Desse modo, como aponta Bauman (2003), as relações humanas podem se tornar superficiais, o adolescente não consegue adquirir capacidade de lidar com as complexidades dessas relações, o que tornam essas relações mais fragilizadas.

Em consonância com o que foi relatado pelo entrevistado, Lima (2009) afirma que:

> O ciberespaço configura-se como o mais novo ambiente de comunicação e de circulação social, que possibilita uma ampliação "sem limites" das redes de socialização. Nesse universo sem fronteiras é possível ter um milhão de amigos, nos mais distan-

> tes pontos do mundo, e manter contato com eles diariamente, no tempo presente, mas afastados corporalmente. (LIMA, 2009, p. 212).

Outro ponto percebido, é que as redes sociais permitem construir, através das postagens, características idealizadas, que muitas vezes não correspondem ao que eles são ou o que sentem. Podemos correlacionar isso, a partir dos seguintes trechos das entrevistas; *"eu posto foto só quando vejo que é uma foto bonita..." (Maria)*, ou seja, é preciso mostrar-se feliz o tempo todo. *"Eu fico o tempo todo sozinha, sem nada pra fazer" (Julia)*, tal afirmativa indica certo desânimo com a sua própria realidade, e utilizam-se das postagens como estratégia para se sentirem confortáveis.

Um fator também importante a assinalar, é que existe uma crença enganosa por parte de alguns pais, que os adolescentes em casa correm menos riscos do que se estivessem na rua. Dessa forma, tentam suprir suas ausências, esquecendo que as tecnologias possibilitam o acesso a uma imensidão de conteúdos, expondo-os com frequência nas redes e correndo os riscos dos perigos advindos delas.

3.4 Quem são? As faces da auto-exposição

Nesse contexto da contemporaneidade na qual estamos o tempo todo conectados, há um desejo inerente do ser humano em obter reconhecimento, o que sinaliza o incessante número de usuários na rede social *facebook* (MORESCO; FERNANDES, 2013). Entretanto, chama-nos a atenção o fato de alguns adolescentes não adquirirem esse hábito. Conforme dito por dois sujeitos entrevistados: *"Ah eu quase não uso o facebook" (Francisco).* **"***Utilizo* (a *internet***)** *mais para fazer trabalho de escolas" (Joana).*

A autoexposição entre adolescentes no *facebook*, segundo os estudos de Moresco e Fernandes (2013), pode estar relacionada a fatores externos e internos. Os fatores internos dizem respeito às características próprias desses sujeitos, como o processo de autoafirmação de identidade, na qual buscam reconhecimento diante de seus amigos virtuais. São motivos que os levam para este feito:

> [...] a baixa autoestima e a busca de autoafirmação são molas propulsoras para que os adolescentes, em desenvolvimento físico, psíquico e afetivo projetem uma identidade ideal e por ela sejam aceitos por seus amigos e também pelos desconhecidos que visualizam seus perfis no *Facebook.* (MORESCO; FERNANDES, 2013, p. 7).

Alguns adolescentes, mesmo possuindo uma conta nessa rede social, não têm o hábito de postar com frequência. Sobre esses verifica-se que possuem outros afazeres para preencher

o tempo ocioso, como conta um dos entrevistados: *"estou mais na rua brincando de bola com meus amigos à noite, no final de semana trabalho em um clube, não sinto falta da net não" (Francisco).* Além disso, os pais estão sempre presentes, inclusive fazem parte de seus amigos na rede: *"meus pais sabem, eu tenho eles como amigos" (Joana).* Já o adolescente *Francisco* nos relata algo curioso: *"ensino a minha mãe a ter as manhas para mexer no facebook"*. O que podemos observar diante disso é que quanto mais a família está presente, menos esse adolescente vai buscar recursos nessas redes. E ao contrário disso, "a ausência do diálogo representa uma barreira a mais para que determinadas atitudes sejam incorporadas pelos jovens" (MORAES, 2014, p. 19).

O diálogo pode ser uma forma de minimizar essas condutas praticadas pelos adolescentes, evitando assim, serem fisgados pelos "predadores virtuais" (MORESCO; FERNANDES). Diante dessa preocupação, segue algumas sugestões de Eisenstein (2004):

> As recomendações sobre o que fazer para transformar o uso da internet numa fonte mais segura, ética, educativa e saudável de conhecimentos e divulgação da mídia social devem fazer parte das condutas de rotina dos atendimentos de crianças, adolescentes e suas famílias, servindo como uma ação de prevenção e alerta aos problemas cibernéticos além de se construir uma ponte de diálogo entre as gerações. (EISENSTEIN, 2004, p. 62).

Ao tecer essas considerações diante do que foi ilustrado pelos entrevistados dessa pesquisa, podemos pensar na possibilidade de identificar as "faces" de quem está por trás daquela vitrine virtual exposta no *facebook*. Entretanto, temos que tomar cuidado, para não vermos somente as "faces", mas enxergar esses sujeitos em suas vicissitudes. Por isso, como pontua bem Ozella (2003):

> Não basta ter apenas conhecimento dos determinantes que cercam o fenômeno estudado, o sujeito. Há sempre por trás de cada ação, pensamento ou sentimentos, a base afetivo-volitiva que impulsiona o sujeito a se manifestar desta forma ou de outra forma. E esta base é constituída durante a vida deste ser, no seu cotidiano mais amplo. (OZELLA 2003, p. 280).

Portanto, esse é o nosso desafio, ou seja, compreender como esses adolescentes na sua singularidade se constituem nessa ligação entre o virtual, o social e o subjetivo para que possamos de alguma forma prevenir futuros danos psicológicos advindos dessa era tecnológica.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos dias atuais, com os avanços tecnológicos, a *internet* tornou-se uma ferramenta fundamental em nossas vidas, seja em casa, no trabalho ou na escola, sempre haverá alguma influência tecnológica na vida dos sujeitos. Essas mudanças contribuíram para que nossa sociedade adquirisse novos hábitos e costumes, famílias estão investindo mais no consumo, na capacitação para o trabalho, tentando-se aproximar da perfeição, seja na vida profissional, seja na vida pessoal, deixando de lado os laços afetivos.

A sociedade nos invoca a incluir-nos nesses avanços, pois estar conectado é uma forma de ser inserido num contexto social. Ter uma conta na rede social *facebook*, se torna quase uma "obrigação" pelo fato ser comum entre as pessoas. Muitos a utilizam para se comunicar com pessoas distantes, se posicionar frente a algum assunto, fazer propaganda de seus produtos ou serviços, enfim, um leque de possibilidades. Porém, muitos fazem desse espaço uma grande vitrine para expor suas angústias, seus desejos, fazendo do *facebook* seu diário *on line*. Quando se trata da adolescência, fase na qual está sendo construída a identidade e momento no qual muitos conflitos psíquicos estão presentes, muitos recorrem às redes sociais como uma forma imediatista para a construção de um sentido ou para buscar respostas às suas fantasias e inquietações.

Verifica-se, muitas vezes, que as relações humanas estão se tornando distanciadas, e as relações afetivas estão sendo fragilizadas. Por não ser mais criança e ter a ideia de não necessitar de cuidados, há situações nas quais os adolescentes se isolam no seu quarto e têm à sua disposição o computador com a internet ou o próprio celular, podendo então navegar em uma imensidão de informação. No entanto, podem também se deparar com os vários perigos, como: crimes sexuais, *bullying*, *cyberbullying*, discriminação, além de conduzir pessoas a atos de violência. Diante disso, foi possível perceber que os adolescentes entrevistados não se preocupam com que possa lhes ocorrer diante da autoexposição, mesmo citando situações que amigos ou conhecidos enfrentaram.

É possível constatar nessa pesquisa que o objetivo principal para o uso do *facebook* pelos adolescentes é verificar como o outro está lhe vendo. Para tanto, não é necessário conhecer todos os amigos da rede para que possa receber curtidas, e quanto mais curtidas melhor. Sendo assim, criam-se "faces" para apresentar-se para o mundo diante das vitrines virtuais expostas no *facebook.* Dessa forma, a motivação para a autoexposição se diferencia na maioria das vezes pelo gênero. As meninas buscam o olhar do outro através da sedução, os

meninos demonstrando poder, assim utilizam seu vasto número de amigos como plateias e esperam deles suas aprovações.

Alguns adolescentes entrevistados parecem não demonstrar sentir-se preocupados com o que possa ocorrer diante do que postam, acreditando que seja algo natural, comum entre eles. Em alguns casos, não tiveram autorização e nem tem a participação dos responsáveis (pais) para acessar e criar perfil nessa rede social.

Autores como Bauman (2003) e Lima (2009), afirmam que essas relações em meio a tecnologia, proporcionam uma maneira de o indivíduo lidar com as complexidades das relações humanas, podendo gerar insegurança. Mas ao mesmo tempo, estar inserido na rede é uma forma de inclusão social, pois a nossa própria sociedade nos demanda isso.

Sendo assim, faz-se de grande importância conhecer esses espaços virtuais nos quais adolescentes estão inseridos, para que possamos intervir, seja nos ambientes escolares, ambientes não educacionais ou até mesmo na clínica. Para tanto, essa questão não se esgota aqui, mas abrem-se precedentes para que possamos refletir sobre o assunto.

REFERÊNCIAS

BASMAGE, Denise de Fátima do Amaral Teixeira. **A constituição do sujeito adolescente e as apropriações da internet:** uma análise histórico-cultural. Campo Grande, 2010.

BARROS, Carla Costa; FERREIRA NETO, João Leite. **Adolescência e MSN:** o arranjo tecnológico da subjetividade. São João del-Rei, dez. 2010.

BATISTA, Cristina A. M. **Inclusão das Pessoas Portadoras de Deficiência no Mercado Formal de Trabalho:** um estudo sobre suas possibilidades nas organizações de Minas Gerais. Belo Horizonte: 2002. (Tese de mestrado – Ciências Sociais).

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. 258p.

BERNAR, Lígia Isis Pinto; PEREIRA, Heloisa Prates. A superexposição de si como tendência no ciberespaço. VIII POSCOM Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio, **Anais...** novembro de 2011.

BRUM, Eliane. Meu filho, você não merece nada. **Revista Época,** jun. 2011. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI247981-15230,00.html>. Acesso em: 23 fev. 2014.

CALLIGARES, Contardo. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CASTRO, Ana Luiza de Souza; GUARESCHI, Pedrinho Arcides. Adolescentes autores de atos infracionais: processos de exclusão e formas de subjetivação. **Revista de Psicologia Política,** v.7, p.37, 2007.

DAL BELLO, C. **Visibilidade, vigilância, identidade e indexação:** a questão da privacidade nas redes sociais digitais. 18, nov. 2011. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/1261>. Acesso em: 15 fev. 2014.

EISENSTEIN, Evelyn: Desenvolvimento da Sexualidade da geração digital. **Revista adolescia e saúde.** Rio de Janeiro, v.10, p. 61-71, abril, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa social:** teoria método e criatividade. 17ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. 80 p.

MORAES, Samy Araujo de. **A exposição dos jovens no Ciberespaço.** 2014, 78f. Monografia(Conclusão do curso) Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Campina Grande-PB.

MORESCO, Silvia Ferreto da Silva; FERNANDES, Marilia Schmitt**.** Adolescentes, Fotografia e Redes Sociais: Uma relação perigosa. **Revista Novas Tecnologias na Educação,** Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v.11, n.1, 2013.

LIMA, Nádia Laguárdia. **A escrita na adolescência:** os blogs como um tratamento do real da puberdade, analisados a partir da função do romance. Belo Horizonte, tese de doutorado UFMG, 2009.

OZELLA, Sérgio (2002) **Adolescência:** uma perspectiva crítica. In: CONTINI, M. L. J.; KOLLER,S. H.; BARROS, M. N. S. (orgs.) Adolescência e psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2002, p. 16-24.

RASSIAL, Jean-Jacques. **O adolescente e o psicanalista**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

RIBEIRO, José Carlos; MIRANDA, Thais; NEJM, Rodrigo. Auto-revelação em ambientes digitais: reflexões sobre a privacidade de adolescentes em sites de redes sociais. II Simpósio em Tecnologias Digitais e Sociabilidade – SIMSOCIAL 2012, **Anais...** 2012, Salvador.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Por que a psicanálise?** Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

SANTANA, Camila Lima Santana e. **Adolescência e Mídias Digitais:** Considerações iniciais sobre cultura digital e educação. Universidade do Estado da Bahia. Julho de 2007.

SANTROCK, John W. **Adolescência**. 8. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2003.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. 286 p.

SBARAI, Rafael. Facebook 10 anos. **Revista Veja,** jan. 2014. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/reportagens-especiais/10-anos-facebook/index.shtml>. Acesso em: 09 mar. 2014.

VALENÇA, Maria Conceição Araújo. **A feminilidade em Freud e na contemporaneidade**. UNICAP, Recife, 2003.